



## NOTICIAS INTERNACIONALES AL 21/05/2021

<b>BRASIL</b> .....	<b>2</b>
Precios estables del ganado .....	2
Proyectan alza en los precios de la hacienda en el futuro cercano .....	2
CEPEA: exportaciones promedian 100 mil toneladas mensuales .....	2
Menos embarques en la segunda semana de mayo .....	2
Brasil impulsa la creación de un centro nacional de referencia para bienestar animal .....	3
<b>URUGUAY</b> .....	<b>3</b>
Guillermo Villa: “Hoy nos encontramos con buenos números para el negocio cárnico” .....	3
Se logró “reducir a la mitad el volumen de contenedores problema” enviados a China .....	3
El stock bovino crecería a 12.096.000 en este ejercicio .....	4
Conflicto en Israel “no afectaría faena kosher” y exportadores evalúan el consumo de carne .....	4
Egipto sigue comprando carne Angus de alto valor en Uruguay .....	5
INAC promueve la carne de Uruguay en feria de SIAL en Shanghai .....	7
Fuerte presencia de las Carnes del Uruguay en Sial China 2021 .....	8
<b>PARAGUAY</b> .....	<b>8</b>
Mercado del gordo con “más oferta” y precios con “otro ajuste a la baja” .....	8
Paraguay lidera por amplio margen como mayor proveedor de carne bovina a Chile .....	8
<b>UNION EUROPEA PLAN DE ACCIÓN PARA REDUCIR LA POLUCIÓN Y MEJORAR LA CALIDAD DEL AGUA Y DEL AIRE</b> .....	<b>9</b>
<b>REINO UNIDO</b> .....	<b>10</b>
Exportaciones crecieron gracias a la expansión de los mercados del Asia y Medio Oriente .....	10
Acuerdo de Libre Comercio con AUSTRALIA .....	11
<i>Genera preocupación en los productores rurales británicas</i> .....	11
<i>Irlanda del Norte expresa dudas sobre el Acuerdo</i> .....	12
<b>ESTADOS UNIDOS</b> .....	<b>12</b>
Sequía está estimulando la liquidación de vacas .....	12
Aumentan los precios de carnes rojas y aves .....	12
Alza en los precios de forrajes generan presión sobre el valor del ganado .....	13
Productores hacen reunión cerrada para evaluar situación en el mercado ganadero .....	14
Solicitan que se apure la resolución judicial sobre las denuncias de maniobras en el mercado ganadero .....	16
Industriales respondieron a las acusaciones de los ruralistas .....	16
Legisladores prestan atención al tema .....	16
<b>VARIOS</b> .....	<b>17</b>
AUSTRALIA: productores agropecuarios apoyan la rápida resolución del acuerdo de libre comercio con REINO UNIDO .....	17
INDONESIA suspende importaciones de INDIA por COVID .....	18
<b>EMPRESARIAS</b> .....	<b>18</b>
JBS anuncia inversiones hasta 2025 .....	18
Marfrig planta de RGS propuesta para habilitación de Estados Unidos .....	18
Minerva: operaciones en el resto de la región amortiguan el cierre de las exportaciones argentinas .....	19
Athena Foods lanza embalajes con código QR con información sobre el origen del ganado .....	19



## **BRASIL**

### **Precios estables del ganado**

Sexta-feira, 21 de maio de 2021 - 06h00

Em São Paulo, o cenário de escoamento lento de carne somado a escalas alongadas, atendendo, em média, sete dias, resultou em mais um dia de estabilidade dos preços na comparação dia a dia.

Na última quinta-feira (20/5), o boi gordo que atende ao mercado interno ficou cotado em R\$306,00/@ no estado, enquanto a vaca e a novilha gordas foram negociadas em R\$283,00/@ e R\$298,00/@, respectivamente, preços brutos e a prazo. No Pará, na região de Paragominas, houve queda de R\$3,00/@ para a vaca gorda devido à melhoria de oferta dessa categoria, na comparação diária.

Já no Norte de Mato Grosso, a oferta menor de fêmeas levou à alta de R\$3,00/@ para vacas e novilhas gordas na região. O preço do boi gordo permaneceu estável, na comparação diária.

### **Proyectan alza en los precios de la hacienda en el futuro cercano**

Fonte: Agência Safras. O mercado físico de boi gordo registrou preços predominantemente mais altos. Segundo o analista de Safras & Mercado, Fernando Henrique Iglesias, frigoríficos de algumas regiões ainda sinalizam para algum conforto em suas escalas de abate. “No entanto já não é evidenciada pressão de queda, pelo contrário, já há indícios de reajustes em algumas praças, principalmente no que diz respeito a animais que cumprem os requisitos de exportação com destino ao mercado chinês”, diz.

Para o início da entressafra, o movimento tende a ganhar consistência, avaliando a eventual retração do confinamento de primeiro giro. “Ou seja, o mercado voltará a conviver com um ambiente pautado pela restrição de oferta aumentando a propensão a reajustes”, aponta Iglesias.

Outro relevante foco de atenção está nas exportações de carne bovina, com mudanças relevantes no mercado internacional, “avaliando a medida adotada pela Argentina, optando pelo autoexílio, pontua o analista.

Em São Paulo, Capital, a referência para a arroba do boi ficou em R\$ 305, ante R\$ 304 a arroba na terça. Em Goiânia (GO), a arroba teve preço de R\$ 290, estável. Em Dourados (MS), a arroba foi indicada em R\$ 297, ante R\$ 294. Em Cuiabá, o boi gordo foi negociado por R\$ 300, contra R\$ 301. Em Uberaba, Minas Gerais, preços a R\$ 300 a arroba, ante R\$ 297.

Atacado

No mercado atacadista, os preços da carne bovina seguem acomodados. Conforme Iglesias, o ambiente de negócios sugere por menor espaço para reajustes durante a segunda quinzena do mês, em linha com o menor apelo ao consumo durante o período.

“Para a virada de mês a expectativa é de mudança da dinâmica, avaliando o maior apelo ao consumo com a entrada dos salários na economia. Importante ressaltar também que a carne de frango segue com a predileção do consumidor médio, avaliando o lento processo de retomada da atividade econômica”, diz Iglesias.

Com isso, o corte traseiro teve preço de R\$ 20,35 o quilo, estável. O corte dianteiro teve preço de R\$ 17,20 o quilo, assim como a ponta de agulha.

### **CEPEA: exportaciones promedian 100 mil toneladas mensuales**

Fonte: Cepea.

Desde julho de 2018, as exportações mensais brasileiras de carne bovina in natura estão acima de 100 mil toneladas. Até então, a sequência anterior mais longa com os embarques acima dessa quantidade havia sido verificada entre maio de 2006 e junho de 2007, ou seja, por 14 meses. Segundo pesquisadores do Cepea, esse cenário é resultado da demanda internacional – sobretudo chinesa – aquecida.

No campo, contudo, a produção brasileira não conseguiu acompanhar o avanço na demanda por carne. O resultado foi o contínuo aumento nos preços do boi gordo, da reposição e também da carne negociada no mercado atacadista nacional. Em julho de 2018, o valor médio real do boi gordo (valores foram deflacionados pelo IGP-DI) estava em R\$ 209, saltando para R\$ 219 no encerramento daquele ano. Em 2019, a arroba passou a ser negociada acima de R\$ 220 em praticamente todo o ano e, em 2020, superou os R\$ 300.

Nos primeiros cinco meses de 2021, o boi gordo tem sido comercializado em torno de R\$ 310. Na B3, os contratos com vencimento no final deste ano operam na casa dos R\$ 330.

### **Menos embarques en la segunda semana de mayo**

18/05/2021 Em volume, recuo foi de 14,7% sobre o mesmo período da semana anterior, segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex)



As exportações brasileiras de carne bovina in natura totalizaram 25,43 mil toneladas na segunda semana deste mês, com recuo de 14,7% sobre o mesmo período da semana anterior, segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex).

No acumulado das duas primeiras semanas de maio, os embarques da proteína vermelha totalizaram 55,2 mil toneladas, com uma média diária de 5,5 mil toneladas/dia, uma retração de 28,7% em relação à média de maio/20 e 11,3% inferior à média diária do abri/21.

Foram arrecadados US\$ 124,06 milhões no acumulado da segunda semana do mês, levando a média diária para US\$ 27,02 milhões, montante 7,56% menor no comparativo semanal.

### **Brasil impulsa la creación de un centro nacional de referencia para bienestar animal**

17/05/2021 - Lo impulsa el Ministerio de Agricultura, Pesca y Alimentación (MAPA)

El Ministerio de Agricultura, Pesca y Alimentación puso en marcha el procedimiento de participación de entidades interesadas para la designación de un centro nacional de referencia de bienestar animal, mediante una resolución publicada hoy en el Boletín Oficial del Estado (BOE).

La designación de este centro nacional se enmarca en el conjunto de medidas que el Ministerio de Agricultura está adoptando para mejorar la implementación de la normativa sobre controles oficiales en lo relativo a bienestar animal. Todo ello, de acuerdo a las orientaciones que se derivan de la Estrategia europea “De la granja a la mesa”, que impulsa la mejora del bienestar de los animales, así como la transparencia y la información a los consumidores, según publicó el MAPA en su portal.

Con el objetivo de garantizar un enfoque armonizado respecto a los controles y otras actividades oficiales, la Unión Europea adoptó el Reglamento 2017/625, en el que se señala que las autoridades competentes deben tener acceso a datos técnicos actualizados, fiables y coherentes, a los resultados de las investigaciones, a las nuevas técnicas y a los conocimientos especializados necesarios para la correcta aplicación de la legislación comunitaria, en el marco de la cadena agroalimentaria, incluido el bienestar animal.

A este respecto, la Comisión Europea ha nombrado dos centros en el ámbito de la Unión Europea: uno para porcino, creado en 2018; y otro para aves de corral y otros pequeños animales de granja, en 2019. Está prevista la designación de un tercer centro, dedicado a animales rumiantes y équidos.

Algunos Estados miembros, como Francia e Italia, han nombrado centros de referencia nacionales para el bienestar animal. En la actualidad, España no dispone aún de un centro de referencia nacional en este ámbito, si bien existen centros de referencia en el ámbito de la zootécnica, así como laboratorios de referencia para la sanidad animal.

## **URUGUAY**

### **Guillermo Villa: “Hoy nos encontramos con buenos números para el negocio cárnico”**

17/05/2021 En abril el valor generado por la venta de todos los productos de un Novillo Tipo luego del proceso industrial (peso vivo 480 kilogramos, rendimiento en cuarta balanza 54%, razas británicas y sus cruces) fue de US\$ 1.171 cabeza, un 0,9% superior al valor en dólares de marzo 2021.

En abril el valor del Novillo Tipo fue de US\$ 1.171 por cabeza, la hacienda representó un 79% y el valor agregado industrial un 21%. “Proporcionalmente el productor está recibiendo por encima del promedio histórico”, dijo Guillermo Villa, representante de la Federación Rural en la Junta del Instituto Nacional de Carnes (INAC).

Desde su punto de vista, “lo más importante” es que se empezó a mover afuera: China, Estados Unidos y Europa, en menor cantidad. Eso cincha de la cadena y aumentó la actividad. Así, la faena, respecto al año pasado, está un 30% arriba e igualando la de 2019. Eso, a su vez, aumentó la demanda por ganados terminados. El precio que está recibiendo la industria por su explotación mejoró y eso se traslada al precio del productor. “Hoy nos encontramos con buenos números para el negocio cárnico”, aseguró.

El Novillo Tipo reúne los datos del mes anterior. El promedio histórico es de 76%, hoy está en 79%, es decir, “proporcionalmente, el productor recibe por encima del promedio”.

“Lo que más me alegra de la información es que en enero cuando empezó a moverse, estaba en US\$ 1.070 el valor de venta y subió un 10% en el mercado internacional. Lo fundamental para que las mejoras de precio del productor se sostengan en el tiempo. Lo importante es que la tendencia suba”, señaló.

### **Se logró “reducir a la mitad el volumen de contenedores problema” enviados a China**

18/05/2021 - Así lo confirmó el ministro de Ganadería, Agricultura y Pesca, Carlos María Uriarte

Se redujeron “prácticamente a la mitad” la cantidad de contenedores problema que tienen por destino los puertos de China, tras los cambios en etiquetado que registró el protocolo sanitario firmado entre ambos países.



Así lo confirmó a El País el ministro de Ganadería, Agricultura y Pesca, Carlos María Uriarte. “Seguimos trabajando y puedo adelantar que se simplificó el volumen de contenedores problema”, dijo Uriarte.

En muchos casos las empresas exportadoras lograron redireccionar hacia otros mercados esos contenedores que no pueden entrar a China.

Si bien es dinámico y el número cambia, se estima que son alrededor de 180 contenedores los que van camino a China o se encuentran en sus puertos a la espera de ser desaduanados.

“El MGAP está haciendo un relevamiento de las condiciones en que está cada contenedor”, afirmó el jerarca del Ejecutivo, reconociendo que habrá frigoríficos que se verán afectados por las pérdidas que genera ese redireccionamiento o incluso el retorno del embarque.

Mientras tanto, China continúa comprando carne bovina y menudencias en Uruguay, intentando suplir la carne porcina que perdió por los casos de fiebre porcina africana. El mercado mantiene dinamismo y valores firmes.

Asimismo, las autoridades de la Agencia sanitaria y Aduana de China (GACC), aún no comunicó a las autoridades del MGAP el resultado final de la auditoría sanitaria realizada a Breeders & Packers Uruguay (BPU), que fue la planta afectada al detectarse el error cometido por Uruguay al omitir los cambios en el protocolo sanitario. Sobre fines de la semana pasada, la Dirección General de los Servicios Ganaderos (MGAP) contestó la información adicional pedida por China tras la auditoría.

### **El stock bovino crecería a 12.096.000 en este ejercicio**

15/05/2021 - Habría más vaquillonas y novillos de 1 a 2 años, según el Instituto Plan Agropecuario.

El stock bovino crecería a 12.096.000 cabezas al cerrar el próximo ejercicio (ciclo 2020/2021), con la máquina de producir terneros bien fortalecida y con un rejuvenecimiento de la categoría de novillos y vaquillonas.

Así lo proyectó el Ing. Agr. Esteban Montes, especialista del Instituto Plan Agropecuario (IPA), remarcando que es una buena noticia para la producción nacional y la exportación de carnes, pues se sale de los 11.880.000 cabezas declaradas en el ejercicio 2019/2020.

En su diálogo con El País destacó que ese incremento en alrededor de 200.000 cabezas bovinas, se da por mayor ingreso de terneros, porque el año pasado hubo una parición récord en esta categoría.

Montes estimó que las vacas de cría entoradas al 30 de junio 2021 serían 4.393.000 cabezas contra los 4.354.000 cabezas denunciadas en la Declaración de Dicose del año pasado.

Reflejando ese aumento en el número de terneros nacidos, el técnico del IPA estimó que “habrá un ingreso importante de animales en la categoría de novillos de 1 a 2 años, así como en vaquillonas de igual edad”. En el primero de los casos se pasaría de 1.059.000 a 1.315.000 animales. En el restante: de 1.262.000 a 1.418.000 cabezas.

El año pasado, el Sistema Nacional de Información Ganadera (SNIG) confirmó en sus cifras finales que se habían producido 3.015.000 terneros, un verdadero récord y el rodeo de cría estaba compuesto por 4.393.000 vientres bovinos.

Respecto al resto de las vaquillonas en la proyección 2020/2021, las de más de dos años sin entorar caerían de 482.000 a 438.000 cabezas. A su vez, los novillos de 2 a 3 años crecerían de 628.000 a 680.000 cabezas.

En su análisis del stock bovino, Montes planteó un aumento en la cantidad de novillos totales (serían 1.052.315 cabezas), hecho que ayudará a mantener una elevada faena en los años venideros y “ese aumento está dado por el incremento de cabezas en la categoría de novillos de 1 a 2 años”. La misma tendencia se dará en vaquillonas.

Manteniendo los indicadores de refugo y el ingreso de vaquillonas al rodeo, Montes planteó una disminución en el volumen de vacas de invernada que no sería tan significativa, pues pasaría de 482.000 a 463.000 cabezas.

Declaración. Por su parte, el Sistema Nacional de Información Ganadera (SNIG), promueve los trámites on line y se aspira a crecer en la cantidad de declaraciones juradas de Dicose mediante esta vía. El año pasado, el 69% de las declaraciones juradas se realizaron por el sitio del Sistema Nacional de Información Ganadera (SNIG) y este año se espera llegar al cien por ciento, afirmó el director de esa repartición del MGAP, Ing. Agr. Gabriel Osorio.

Se exhorta a los productores a que realicen la solicitud de acceso al sistema SNIG, lo que permitirá realizar su Declaración Jurada de Dicose y registrar sus animales online. Para obtener la clave de acceso al sistema deberán completar el formulario de solicitud de clave. Para ello, se debe dirigir a [tramites.gub.uy](http://tramites.gub.uy), descargar y completar el Formulario de solicitud de clave. En caso de dudas, comunicarse con el SNIG.

### **Conflicto en Israel “no afectaría faena kosher” y exportadores evalúan el consumo de carne**

Fuente: Valor Agro 19/05/2021 - 11:38 AM



Los exportadores paraguayos y de la región siguen con atención el enfrentamiento bélico entre israelíes y palestinos para evaluar cómo se comportará la demanda de carne bovina en Israel, el mercado que más paga por los cortes nacionales.

Para el negocio de la carne “al momento no ha cambiado nada”, explicó un exportador paraguayo a Valor Agro y agregó: “Hay que esperar una a dos semanas para saber cuándo termina el conflicto y cómo se mueve la población”.

El pasado miércoles, el primer ministro israelí Benjamin Netanyahu declaró estado de emergencia en la ciudad de Lod., ubicada a 17 kilómetros al sureste de Tel-Aviv.

“Hoy es muy difícil proyectar, en algunas semanas la situación va a ser más clara”, dijo la fuente y sumó: “No implica que baje el consumo, por el contrario podría aumentar como sucedió en el cierre total de la pandemia donde la gente compró en cantidad para tener reservas”.

Desde hace pocas jornadas cinco cuadrillas de rabinos llegaron de Israel para comenzar con las faenas bajo el rito Kosher. Un industrial dijo a Valor Agro que “las operaciones en planta continúan sin problema”, y “se prevé que sigan dentro de la normalidad.”

Además se espera que en las próximas horas pueda arribar un sexto equipo de rabinos para iniciar las faenas en una planta más.

En los primeros cuatro meses del año Paraguay exportó a Israel 6.674 toneladas de carne bovina por un total de US\$ 36,4 millones. El país de Asia Occidental se posiciona como el quinto destino más importante en volumen y el primero en precio.

### **Egipto sigue comprando carne Angus de alto valor en Uruguay**

16/05/2021 Los embarques continúan fluidos y la exportadora Mirasco Uruguay sigue apostando a la colocación de lomos y bifés en un mercado que pide calidad

La exportación de cortes Angus de alto valor y grasa hacia Egipto continúa fluida y apunta a crecer en la medida que los precios lo permiten, afirmó a El País el director de la exportadora Mirasco Uruguay, Ragi Samy.

La empresa realizó los primeros negocios en marzo de 2021, en lo que fue el envío que reabrió ese mercado, que había quedado fuera del alcance de Uruguay en 2012, cuando debido a la falta de certificación del rito Halal, debió dejar de exportarle. La certificación del sacrificio del animal, siguiendo los mandatos del islam, es básico para el mundo musulmán y sin este paso no se considera apto ese alimento o producto. La solución vino de la mano de la instalación en Uruguay de la certificadora IS EG Halal, una Sociedad Anónima con el gobierno de Egipto, que está entre sus principales accionistas.

La empresa está instalada en Uruguay desde hace un año en Montevideo y cuenta con la potestad de certificar para todo el Mercosur. Se trata de la única entidad autorizada exclusivamente por el gobierno de Egipto para certificar las exportaciones Halal en todo el mundo. Su meta es habilitar 18 empresas cárnicas locales en los próximos seis meses. Ya se aprobaron las primeras cuatro: Frigorífico Tacuarembó, Frigorífico Colonia (ambos pertenecientes al grupo Marfrig Global Foods), Breeders and Packers Uruguay (BPU Meat) y Henil S.A. (tripería).

“Terminamos de cargar otros dos contenedores y ahora estamos con otro embarque, también de cortes finos (lomo, bife ancho y bife angosto), además de grasa”, confirmó. El negocio es de 10 contenedores y algunos ya se embarcaron.

El exportador recordó que “el contrato está abierto” y si se puede mantener los valores de la materia prima, los importadores egipcios seguirán comprando. “Egipto tiene mucho interés por cortes de alto valor y alcanzan bien los volúmenes que se producen en Uruguay”, ratificó.

La meta es trabajar con este destino con mercadería de primera calidad, porque en productos de inferior nivel, continúa siendo difícil que los mercados de Medio Oriente puedan competir contra China, que está llevándose toda la carne que puede a precios por encima de lo normal. Más allá de estos embarques de cortes de carne Angus, la exportadora estuvo analizando la posibilidad de concretar algún negocio de carne ovina hacia Egipto, pero hoy esa posibilidad está descartada, ya que es imposible competir contra China. El gigante asiático se está llevando toda la carne ovina que puede, desplazó a Brasil que quedó paralizado por la Pandemia de Covid-19 -la carne ovina uruguaya va al circuito de grandes restaurantes de San Pablo- y está pagando valores récord: US\$ 2,500 la tonelada por carcasas de cordero.

Visión. Según el Departamento de Agricultura de Estados Unidos (USDA) que analizó las previsiones de producción e importación de carne vacuna, Egipto será un fuerte comprador este año.

Era un fuerte importador de ganado en pie desde Brasil, que cortó la exportación porque está con poca oferta de ganado y la prioridad es exportar carne hacia China. Según el análisis del USDA la producción de carne bovina en Egipto llegará a 375.000 toneladas en 2021, un 2% más que en 2020. El consumo interno, sin embargo, llegará a las 675.000 toneladas por el incremento de la población. Ante esto, la importación en 2021 estaría en unas 300.000 toneladas, un 3% más que en 2020. Tras la devaluación de la libra egipcia, en noviembre de 2016, importadores abandonaron el mercado.



Entidades gubernamentales como los Ministerios de Abastecimiento y Comercio Interior, Agricultura y Recuperación de Tierras, así como la secretaría de Defensa, se han convertido en los mayores importadores egipcios de ganado vivo y carne bovina congelada y subproductos.

En la actualidad, estos ministerios son los actores más importantes en los mercados de ganado vivo y carne vacuna, reduciendo el costo de la carne vacuna y especialmente de la bovina importada, explicó el informe del USDA.

Uruguay produce la carne Angus que el mundo quiere, con la garantía que no utiliza en el engorde anabólicos, antibióticos, ni promotores de crecimiento de base hormonal. Los cortes de alto valor que hoy se vuelcan a Egipto, tradicionalmente tienen por destino la Unión Europea, que es hoy es un mercado con demanda dormida por la pandemia de Covid-19. El contrato de Mirasco Uruguay es por 10 contenedores, pero hay esperanza de mantener firme este mercado para las carnes de alto valor.

Mercados. El director de Mirasco, exportadora que tiene una fuerte presencia en los mercados más importantes, analizó la situación de algunos clientes tradicionales de las carnes uruguayas.

Samy afirmó que actualmente el mercado mundial para la carne bovina “está muy movido por las compras de China”, que no sólo acapara la producción de Uruguay, también le compra a Brasil, Argentina y otros proveedores. Con nuevos episodios de PPA, los importadores chinos salieron a comprar mayor volumen de carne ovina y vacuna en el mundo.

El broker recordó que Australia, fuerte productor mundial de carne bovina, quedó fuera de China y eso “le abrió mayores posibilidades a los proveedores de América del Sur para poner mercaderías en los puertos chinos”.

Desde su punto de vista, los actuales precios que paga el gigante asiático por la carne no podrán mantenerse en el tiempo. “Están haciendo una burbuja y en cualquier momento se pueden desmoronar”, afirmó Samy. Algo similar sucedió en 2019, cuando los importadores chinos salieron a comprar a valores por encima de los habituales, se abastecieron y posteriormente bajaron abruptamente los precios, incluso renegociando los contratos que ya tenían cerrados con sus proveedores. Uruguay, su industria frigorífica y sus exportadores, perdieron mucho dinero.

Emiratos Árabes y Rusia. A su vez, al analizar la situación de Arabia Saudita y otros países del Golfo Pérsico que son interesantes para Uruguay, el director de Mirasco explicó que ese destino no está moviendo mercaderías desde Uruguay, pero “está comprando en Brasil y en Colombia, además de carne ovina y bovina en Australia”.

Samy dijo que el mercado de Arabia Saudita “está firme, compran mayoritariamente carne enfriada, pero en Uruguay no comenzó a comprar fuerte”. El problema es que hoy China acapara la atención de los exportadores, ya sea por los volúmenes que demanda, como por los precios que está pagando. Por otro lado, lleva una producción estándar y eso facilita mucho a los proveedores.

Respecto a Rusia, donde Mirasco pisa fuerte, el mercado “está tranquilo” y los importadores están abocados a comprar carne bovina en Paraguay. Para la ganadería guaraní, el 80% de la producción está destinada a Rusia y el otro 20%, básicamente menudencias, se vuelcan a Hong Kong, porque no tienen habilitado China. “Los paraguayos están muy conformes con las compras de Rusia y para Uruguay, este destino está alcanzable para las menudencias y algunas partidas de grasa, pero no para cortes de carne”, dijo.

Otro nicho de mercado que está activo es Estados Unidos para carne destinada a industria, mientras que la esperanza de los exportadores está fijada en la reactivación de la Unión Europea -post pandemia- en el verano que está comenzando.

“Estamos encaminándonos a finales de mayo, cuando comienza el verano europeo. Si algunos países como Francia, Alemania, Italia y España abren sus fronteras, el consumo de carne va a incrementarse y habrá demanda. Lamentablemente, desde el punto de vista de la demanda, hoy eso no se ve”, dijo el director de la exportadora. La UE es un mercado de alto valor, pues van los cortes más caros. Uruguay entra a través de dos cuotas: la Hilton (6.300 ton. anuales) y la 481, donde participa junto a otros proveedores. Es el cupo destinado a animales jóvenes, alimentados a granos durante los últimos 100 días previos a la faena.

Hay oportunidades para la carne en Medio Oriente y norte de África

Medio Oriente y el norte de África ofrecen oportunidades para las carnes uruguayas, ya que esa región importa en torno a US\$ 3,4 mil millones de carne vacuna anuales desde 2010 e impone aranceles por defecto promedio menores al 5%, sin cuotas, destacó un informe del Instituto Nacional de Carnes (INAC).

A pesar de tener habilitaciones sanitarias para exportar a varios países de la región, Uruguay sólo mantiene un flujo exportador relevante con Israel. El Medio Oriente y Norte de África (MENA, por sus siglas en inglés) es una región compuesta por 20 países: Argelia, Bahrein, Yibuti, Egipto, Irán, Iraq, Israel, Jordania, Kuwait, Líbano, Libia, Marruecos, Omán, Catar, Arabia Saudita, Siria, Túnez, Emiratos Árabes Unidos (EAU), Palestina y Yemen. Cabe destacar que esta denominación no refiere a un bloque comercial conformado, sino a una región geográfica. Con casi 500 millones de habitantes y un Producto Interno



Bruto (PIB) de US\$ 3,65 billones, esta región representa el 6% de la población mundial y 4,5% del PIB mundial.

Según el análisis de mercado de INAC, el MENA muestra una tendencia creciente en el ingreso disponible por habitante y un proceso de urbanización y occidentalización en aumento. Esto impacta en su dieta y patrón importador. A su vez, esos fenómenos son más notorios en los países miembros del Consejo de Cooperación del Golfo (CCG): Bahrein, Kuwait, Omán, Catar, EAU y Arabia Saudita.

Por otro lado, al analizar algunas características de mercado, el INAC recordó que el año pasado, la importación de carne vacuna alcanzó los US\$ 3.380 millones y 845 mil toneladas aproximadamente. Esto ronda el 9% del comercio internacional en valor. Por su parte, la importación de carne ovina del MENA representa el 12% del comercio mundial.

En cuanto a los precios por tonelada de carne bovina importada en 2020, el valor promedio de la carne enfriada sin hueso fue de US\$ 5900, mientras que el de la congelada sin hueso fue de 4000.

La carne ovina se importó a un promedio de US\$ 5800 por tonelada.

Respecto a los aranceles se destacó que en términos arancelarios, los importadores más relevantes en valor imponen un arancel por defecto para la carne bovina congelada sin hueso que ronda el 5%.

Para la enfriada sin hueso, la mayoría de los importadores tienen aranceles cercanos a 0%. Los aranceles tampoco son restrictivos para el caso de la carne ovina: los principales importadores presentan un arancel menor al 5%. Como referencia, el arancel por defecto que Uruguay paga en China por exportar carne bovina es de 12%. En estos mercados no se manifiesta uno de los problemas que la cadena cárnica uruguaya padece más frecuentemente: la falta de preferencias comerciales.

Uruguay colocó carne bovina por un valor de US\$ 52 millones y 11 mil toneladas a esta región en 2020. El principal socio comercial fue Israel, que adquirió el 97% de este flujo en valor. Esta proporción se mantiene incambiada desde 2011. En enero de 2021, se destacan las exportaciones uruguayas de carne bovina a Arabia Saudita por 20 toneladas. También se exportó carne bovina al Líbano por 13 toneladas, destacó el análisis de INAC.

### **INAC promueve la carne de Uruguay en feria de SIAL en Shanghai**

20/05/2021 - 3:07 PM

INAC realizó tres actividades de promoción, guiadas y lideradas por su representante en Asia, Victoria Cai, con el apoyo de toda la misión diplomática y el equipo de la Embajada de Uruguay en China, al mando del embajador Fernando Lugris.

Mensaje del presidente de INAC, Fernando Mattos, durante la celebración del acuerdo entre INAC y SUNLON.

El Instituto Nacional de Carnes (INAC) desplegó una nutrida e intensa actividad en el segundo día de la feria de SIAL en Shanghai. Al igual que el primer día, el stand de las carnes de Uruguay estuvo colmado de gente durante toda la jornada.

En paralelo, INAC realizó tres actividades de promoción, guiadas y lideradas por su representante en Asia, Victoria Cai, con el apoyo de toda la misión diplomática y el equipo de la Embajada de Uruguay en China, al mando del embajador Fernando Lugris.

#### **1. La Cuisine Cooking Show**

Las carnes de Uruguay son uno de los sponsors principales de la competencia de cocina que se lleva a cabo en el predio de la exposición de la SIAL. La competencia dura dos días, 19 y 20 de mayo. Para la sesión culinaria del 19 de mayo, la carne vacuna de Uruguay fue el ingrediente destacado, los platos preparados por los competidores fueron de cocina occidental, siendo lomo vacuno el corte utilizado.

Participaron cuatro equipos, dos domésticos y dos internacionales, algunos equipos con chefs portadores de la prestigiosa estrella Michelin, que trabajan y son formadores de opinión del sector foodservice. El Embajador dijo unas palabras en el escenario. Presentó las carnes uruguayas e invitó a los chefs a seguir usando más carnes uruguayas en sus restaurantes.

El 20 de mayo se conocerán los resultados. Por lo pronto, los chefs dijeron en el momento que la carne uruguaya es de muy buena calidad.

#### **2. Acuerdo de promoción de las carnes de Uruguay con la firma Sunlon**

En el marco de las alianzas para promover la marca y las carnes de Uruguay, INAC firmó el 19 de mayo un acuerdo con la empresa estatal Sunlon, dedicada al comercio, logística, transporte, almacenamiento, distribución, ventas al minorista, entre otros servicios. Sunlon tiene una fuerte presencia como proveedora en Beijing.

El objetivo de INAC es promover la marca de las carnes de Uruguay, con Sunlon tendrá un stand permanente en Jingliang Plaza, en Beijing, para exponer la marca y los productos que importan desde Uruguay. Es un centro demostrativo y de experimentación, al cual acuden los compradores y operadores del segmento de restaurantes, gastronomía, y también distribución minorista.

En el marco de la alianza, INAC coordinará con Sunlon la promoción en otros canales, como el de comercio digital. La firma del acuerdo se realizó en un salón especial para esta ceremonia, dentro del



predio de la feria de SIAL, y fue rubricado por la representación de INAC en China, en compañía del Embajador Fernando Lugris.

3. Acuerdo de promoción de las carnes de Uruguay con la firma Shuhai Supply Chain  
También en 19 de mayo INAC firmó un acuerdo con la empresa privada Shuhai Supply Chain, empresa establecida en 2011 y que opera con una vasta red de clientes minoristas particularmente en el sector de servicios de gastronomía y restaurantes.

En el marco de esta alianza, INAC promoverá las carnes de Uruguay en una exhibición continua en el Shanghai Taishang Creative Park, un centro nuevo donde habrá un parque temático para el sector gastronómico. La firma del acuerdo se realizó en esta nueva localidad, fue firmado por la representación de INAC en China, en compañía del Embajador Fernando Lugris.

### **Fuerte presencia de las Carnes del Uruguay en Sial China 2021**

18/05/2021 INAC desarrolló un stand de 54m<sup>2</sup> en el que se encuentran presentes cinco frigoríficos coexpositores y dos brokers/traders

Este año las carnes uruguayas cuentan con una fuerte presencia en Sial China y durante el primer día de feria ya se pudo apreciar un gran movimiento de clientes y empresas interesadas en el stand de las Carnes del Uruguay pese a las limitaciones generadas por la pandemia.

El Instituto Nacional de Carnes (INAC) desarrolló un stand de 54m<sup>2</sup> en el que se encuentran presentes cinco frigoríficos coexpositores y dos brokers/traders. Además, la feria cuenta con el servicio online "Marketplace" del tipo Expo virtual, en donde las empresas coexpositoras pueden publicar información e imágenes de sus productos y generar contactos con visitantes y clientes. También en paralelo se desarrollan importantes acciones de promoción.

Este año Sial China, celebra su edición número 21 donde nuevamente es una gran plataforma B2B para empresas y productos del mundo. Cuenta con 180.000 m<sup>2</sup> de superficie de exposición y espera recibir en los 3 días de feria más de 123.000 visitantes profesionales.

Sial China es la feria de alimentos y bebidas más importante de China y se desarrolla en Shanghai anualmente organizada por Comexposium (organizadores de la famosa feria SIAL PARIS y de otras ferias de alimentación y bebidas en otras partes del mundo). Esta edición cuenta con más de 4.500 expositores provenientes de más de 67 países y regiones y tendrá lugar del 18 al 20 de mayo.

Debido a las restricciones por la pandemia, este año no ha podido viajar la delegación desde nuestro país pero sí se encuentra presente Victoria Cai, representante de INAC en Asia. Por su parte también se contó con la visita al stand del embajador de Uruguay en China, Fernando Lugris y del cónsul general en Shanghai, Leonardo Olivera, acompañados por los miembros de la Embajada la Sra. Mercedes Aguiar y la Sra. Estrella Qiu.

INAC este año también es sponsor de oro en el evento desarrollado por la feria denominado: "La Cuisine". Este cooking show se llevará a cabo los días 19 y 20 de Mayo y será una gran gala de la industria de catering, reuniendo a importantes referentes del sector. El evento contará con 8 equipos en la competencia, con chefs que son estrellas Michelin, y la carne uruguaya será el ingrediente principal para las sesiones culinarias del día 19 de Mayo.

## **PARAGUAY**

### **Mercado del gordo con "más oferta" y precios con "otro ajuste a la baja"**

17/05/2021 GANADERÍA

El mercado de haciendas gordas para la exportación comenzó la semana con "otro ajuste a la baja", que se suma al experimentado durante la semana pasada, explicó un operador. La fuente explicó que "no todas las plantas marcaron bajas", pero la mayoría de ellas "definieron una reducción de 5 centavos de dólar por kilo carcasa". El operador ubicó las cotizaciones de los machos comunes y vaquillas en US\$ 3,30 por kilo carcasa, los trazados en US\$ 3,35 y los Hilton en US\$ 3,40 a la carne. Mientras que posicionó el precio de la vaca entre US\$ 3,05 y US\$ 3,10 por kilo al gancho. Un industrial confirmó a Valor Agro las referencias y señaló que la oferta está empezando a ser más voluminosa: "Para esta semana están completas las entradas, solo hay espacio para algunas cargas más. El mercado se empieza a mover post feriado". Además de la mayor oferta, comentó que la baja del precio del gordo está relacionada a la valorización del dólar frente al guaraní. "Hay muchas especulaciones, el mercado cambiario está muy volátil y se refleja en los precios", añadió.

### **Paraguay lidera por amplio margen como mayor proveedor de carne bovina a Chile**

Fuente: Valor Agro 17/05/2021 - Cada 10 kilos de carne vacuna que compró el país trasandino, cinco kilos fueron enviados por Paraguay





Durante el primer trimestre del 2021, Chile importó 59.338 toneladas de carne bovina de todos los mercados, de las cuales el 50,4% se las compró a Paraguay, de acuerdo a la información de la Oficina de Estudios y Políticas Agrarias (ODEPA) del Ministerio de Agricultura.

En tal sentido, cada diez kilos de carne vacuna que compró el país trasandino, cinco kilos fueron enviados por Paraguay.

Entre enero y marzo Chile compró de Paraguay 29.917 toneladas, un aumento del 40,6% frente al mismo periodo del año pasado. El valor medio de compra se ubicó en US\$ 4.881 por tonelada, un baja del 1,4%.

Brasil se posicionó como el segundo mayor proveedor con 17.363 toneladas de carne, una reducción del 23,5% versus 2020, y un precio medio de US\$ 4.746 (+ 2,7%).

Mientras que Argentina quedó tercero con 8.183 toneladas (- 11,7%) y una referencia promedio de US\$ 5.950.

## **UNION EUROPEA Plan de acción para reducir la polución y mejorar la calidad del agua y del aire**

17 May 2021 The Commission has adopted a new Action Plan to tackle pollution as part of the European Green Deal, proposing a broad range of measures that will reduce pollution, improve air and water quality and adopt circular economy principles.

The European Commission has adopted the EU Action Plan: “Towards Zero Pollution for Air, Water and Soil” – a key deliverable of the European Green Deal and the main topic of this year’s EU Green Week. It sets out an integrated vision for 2050: a world where pollution is reduced to levels that are no longer harmful to human health and natural ecosystems, as well as the steps to get there.

The plan ties together all relevant EU policies to tackle and prevent pollution, with a special emphasis on how to use digital solutions to tackle pollution. Reviews of relevant EU legislation are foreseen to identify remaining gaps in EU legislation and where better implementation is necessary to meet these legal obligations.

Executive Vice-President for the European Green Deal Frans Timmermans said: “The Green Deal aims to build a healthy planet for all. To provide a toxic-free environment for people and planet, we have to act now. This plan will guide our work to get there. New green technologies already here can help reduce pollution and offer new business opportunities. Europe’s efforts to build back a cleaner, fairer, and more sustainable economy must likewise contribute to achieving the zero pollution ambition.”

To steer the EU towards the 2050 goal of a healthy planet for healthy people, the Action Plan sets key 2030 targets to reduce pollution at source, in comparison to the current situation. Namely:

Improving air quality to reduce the number of premature deaths caused by air pollution by 55%;

Improving water quality by reducing waste, plastic litter at sea (by 50%) and microplastics released into the environment (by 30%);

Improving soil quality by reducing nutrient losses and chemical pesticides’ use by 50%;

Reducing by 25% the EU ecosystems where air pollution threatens biodiversity;

Reducing the share of people chronically disturbed by transport noise by 30%, and

Significantly reducing waste generation and by 50% residual municipal waste.

Key initiatives and actions

Aligning the air quality standards more closely to the latest recommendations of the World Health Organisation,

Reviewing the standards for the quality of water, including in EU rivers and seas,

Reducing soil pollution and enhancing restoration,

Reviewing the majority of EU waste laws to adapt them to the clean and circular economy principles,

Fostering zero pollution from production and consumption,

Presenting a Scoreboard of EU regions’ green performance to promote zero pollution across regions,

Reduce health inequalities caused by the disproportionate share of harmful health impacts now borne by the most vulnerable,

Reducing the EU’s external pollution footprint by restricting the export of products and wastes that have harmful, toxic impacts in third countries,

Launching Living Labs for green digital solutions and smart zero pollution,

Consolidating the EU’s Knowledge Centres for Zero Pollution and bringing stakeholders together in the Zero Pollution Stakeholder Platform,

Stronger enforcement of zero pollution together with environmental and other authorities.

Response from EU farming unions

A statement released by Copa and Cogeca acknowledged that the Zero pollution action plan is a key component of the Green Deal. They voiced their support for the Action Plan’s overall approach, saying that slowing down economic activities to prevent pollution is not the best way to prevent and reduce pollution. In fact, European agriculture managed to reduce ammonia pollution significantly, among other emissions



and releases, in parallel with increasing productivity and constantly moving towards a more sustainable food production.

Copa and Cogeca welcomed the Action Plan's objective on the application of integrated pest management (IPM) to prevent and reduce pollution. The uptake and extension of IPM tools combined with the use of other realistic alternatives such as New Genomic techniques could be a way forward. The group called for robust research and development supported by the relevant EU agencies and the Horizon Europe Programme.

Regarding the protection of soils, Copa and Cogeca said farmers should maintain the growth potential of farmland and forests and avoid land abandonment of fertile cultivated soils, saying that these soils are the basis for food security, are a supply of renewable raw materials and are important for maintaining biodiversity.

Since the most effective soil protection measures are local and depend on pedoclimatical conditions, the on-farm experience and local soil testing is crucial to adapt to the most suitable management practises. The group also welcomed the establishment of a new Zero Pollution Stakeholder Platform. The availability and use of these tools is key for a sustainable agricultural production in the EU while keeping European farming competitive on the global market.

The group also welcomed objectives to explore industrial symbiosis and policies to enhance circular bioeconomy for SMEs. Agricultural by-products and residues as well as agricultural facilities provide great potential for synergies (for example low-carbon bioenergy production, use of surplus heat in local heat district plants), with the potential to develop further.

On the negative side, tackling ammonia pollution within agriculture through the extension of the scope of the Industrial Emissions Directive to additional agricultural sectors is not the right way for Copa-Cogeca, as it would entail double regulation and will not increase ambition but will only increase the administrative burden.

## **REINO UNIDO**

### **Exportaciones crecieron gracias a la expansión de los mercados del Asia y Medio Oriente**

21 May 2021 AHDB The Far East has helped bolster the UK's red meat export industry as the sector contends with Brexit and the COVID-19 pandemic.

Asia and the Middle East have helped boost red meat exports from the UK in what has been an incredibly challenging start to the year.

With Brexit and COVID-19 impacting shipments of beef, lamb and pork to Europe during the first three months of 2020, markets outside of the EU have helped bolster trade.

While exports of beef to non-EU countries have dropped, shipments of pig meat, including offal, have risen in both volume and value, increasing 31% to 63,000 tonnes, worth over £110 million – up 42% compared to the same period last year.

Sheep exports to non-EU countries also rose 30% in volume and, importantly, 46% in value, worth £6.6 million to the sector.

Trade was particularly helped by increased demand from Asia and the Middle East – both are areas of strategic growth for AHDB, having recently engaged representatives in the regions to support and facilitate trade development for levy payers.

AHDB Head of Asia Pacific Jonathan Eckley said the Far East remains a key market for red meat exports from the UK, and AHDB is continuing to identify opportunities in new and existing markets to help boost trade.

He added: “The start of the year has been incredibly challenging for our red meat exports and while the third country demand has helped to boost trade, it hasn’t been able to offset the fall in shipments to the EU. “However, the Asian markets have once again proven to be hugely important for our exports. While some countries are importing smaller volumes from the UK, the overall value is increasing for example Singapore, which has this year seen an 87% increase in the value of our pork shipments.”

Demand for UK pork was also evident in the Philippines with the value of shipments increasing four-fold compared to the same period last year – bringing a £10 million boost to the sector. Exports to South Korea also grew and were valued at £2.5 million.

Sheep exports, including offal, to Kuwait increased ten-fold in the first three months of the year, and shipments to Ghana more than doubled.

Due to strong domestic demand for beef in the UK, exports have not grown as strong as other meats, but regions such as the Philippines have seen growth in both volume and value. South Africa has also seen shipments increase three-fold and there was a six per cent rise in export volume to Ghana.

Jonathan added: “Despite the challenges we face due to Brexit and COVID-19, AHDB continues to have a virtual presence at trade shows and networking events across Asia, in a bid to build relationships between our exporters and key influencers.”



This week, AHDB has had a presence at Asia's largest food and beverage show SIAL China. Due to travel restrictions, the stand was hosted by AHDB's China-based representative Holly Chen, who was joined by UK meat exporters' China-based teams.

## **Acuerdo de Libre Comercio con AUSTRALIA**

### ***Genera preocupación en los productores rurales británicas***

National Farmers Union 19 May 2021

As trade negotiations with Australia and New Zealand reach an advanced stage, farming organisations from across the UK have urged the government to remain committed to its negotiating objectives and stand up for UK farmers in all of its negotiations.

The UK Farming Roundtable, involving 19 farming bodies across a range of sectors and from all four nations of the UK, has agreed five principles that are of crucial importance to UK food and farming in the negotiations:

Upholding our high standards of production and positioning the UK as a global leader in sustainable farming and in tackling climate change

Recognizing the specific sensitivities of some UK farming sectors, such as beef and sheep, in the current negotiations

Balancing improved access and lower tariffs for agricultural imports with quotas and other safeguards to avoid irreversible damage to UK farming

Ensuring any trade deal is genuinely reciprocal and that the benefits properly reflect how valuable UK market access is for foreign exporters

Acknowledging that these deals will establish precedents that will be reflected in all our trade deals

Following a meeting of the roundtable, NFU President Minette Batters said: "We know that agriculture is almost always the last chapter to be finalized in any trade deal and as these talks reach an advanced stage its important negotiators take on board the five detailed principles agreed today.

"The government's repeated commitments to safeguard our own standards and to not undercut UK farmers through unfair competition are encouraging, and we support their ambition to liberalize trade. We know that if we're to open up the opportunities of new markets overseas for UK farmers, we will have to offer greater access to our own markets in return.

"However, this trade-off needs to be balanced, and we need to make sure concessions to our hugely valuable home market are not given away lightly. There is a very real risk that, if we get it wrong, UK farming will suffer irreversible damage rather than flourish in the way we all desire, to the detriment of our environment, our food security and our rural communities.

"These deals should showcase our credentials as a global leader in animal welfare standards, environmental protection and taking action to tackle climate change. And they should reinforce a domestic environment in which UK farmers are empowered to rise to these challenges, leading the way in climate friendly, high-welfare farming.

"The British government faces a choice. It must recognize that opening up zero tariff trade on all imports of products such as beef and lamb means British farming, working to its current high standards, will struggle to compete.

"Does Government lower standards here, which it says it won't and a million people who signed our petition don't want to see, or will it watch family farms go out of business when they are unable to compete?

"At a time when government has placed huge importance on its aim of levelling up, this would fundamentally undermine any ambition to narrow the rural-urban divide or to ensure all parts of the UK are included in the government's desire to build back in the months ahead.

"Negotiators must also be mindful of the cumulative impact of our free trade agreements, which the government has said will be concluded in a matter of weeks. They will be the first in a series of deals that will undoubtedly increase market access into the UK. The government must assess how the impact of these concessions combined across multiple trading partners will impact on domestic producers and the rural economy.

"As negotiations come down to the wire, we urge the government to work closely with the UK Farming Roundtable on these issues and engage with stakeholders to inform their approach to negotiations."

Fri, May 21, 2021, Herd of bullocks standing outside, looking at the camera from a low viewpoint. Sky provides space for copy.

Trade in goods and services between Australia and the UK was valued at £18.1bn in 2019/20, with expectations on both sides to expand this further. Photo: Getty

The UK is risking angering British farmers, and some ministers, as it is on the brink of offering Australia a tariff-free trade deal with the backing of prime minister Boris Johnson.



A tariff-free, quota-free agreement means both nations would phase out taxes on imports over the next 15 years.

It comes after reports earlier this week that negotiations are ongoing between the pair, with the UK cabinet office reportedly split in the decision.

According to The Sun Johnson will offer the country a 15-year transition to a zero-tariff, zero-quota trade pact.

Meanwhile, the BBC reported it was understood the cabinet row over the matter had been resolved on Thursday night. The broadcaster said "the cabinet was now in agreement, while negotiations with Australia were still ongoing."

Under the agreement set to be offered to Australia, tariffs (taxes on imports) will be phased out over 15 years, with quotas on sales between the pair going over the same period.

Total trade in goods and services between Australia and the UK was valued at £18.1bn (\$25.7bn) in 2019/20, with expectations on both sides to expand this further.

At the moment, wines, metals and machines form the biggest goods exports from Australia to the UK, Australia mainly imports cars, medicines and alcoholic drinks from the UK.

But, the trade in meat, produce and dairy has been a roadblock in negotiations.

While trade in meat between the countries is small, according to the Department for International Trade (DiT), Britain imports around 250,000 tonnes of beef each year. 91% comes from the EU (with 190,000 tonnes from Ireland alone). Less than 1% of Australia beef exports was for the UK market, accounting for 1% of UK beef imports.

In 2019, beef and veal imports totalled 1,766 tonnes worth £12.9m, according to HMRC figures.

### ***Irlanda del Norte expresa dudas sobre el Acuerdo***

Press Association News May 21, 2021, 8:00 AM

A zero tariff, zero quota trade deal between the UK and Australia would damage Northern Ireland's beef and sheep trade, Stormont's agriculture minister has warned.

Edwin Poots, who is the incoming leader of the DUP, said the prospect of such an agreement posed a "high level of risk" to farmers across the UK.

Mr Poots outlined his concerns in a letter to UK environment secretary George Eustice.

The letter, in which he expressed "strong opposition" to a zero tariff, zero quota agreement, comes amid reports that the Government is poised to agree such a deal with the Australians.

## **ESTADOS UNIDOS**

### **Sequía está estimulando la liquidación de vacas**

By AGDAY TV May 18, 2021 Drought Conditions Facing Ranchers 051821

Rain is falling this week across a large swath of the country. It's good news for areas stricken with drought, and a welcome sign for cattle producers. The latest U.S. Drought monitor indicates drought is gripping pastures, with 60% of the nation's cow herd is now in some level of drought or dryness. That's forcing cows to the processor in numbers not seen in a decade.

The latest drought monitor shows 46% of the country is now in some level of drought, much of that dryness is hitting in the West. However, there's growing concern from North Dakota to Texas about drought intensifying as summer weather arrives. According to Drovers, in some areas, pastures aren't greening up and that's already forcing cows to slaughter.

"The cow slaughtered for March of this year was up 10% over last year already, and April was up 4 to 5% over last year, and that's after last year," says Greg Henderson, editor of Drovers. "2020 beef cow slaughter was up 7%. That was the highest beef cow slaughter since 2010.

Henderson says the high cost of grain is complicating matters. Feedyards are pushing to keep calves out on pasture longer, hoping to get cattle to heavier weights so they haven't feed them as long. That's been difficult given the current pasture situation.

### **Aumentan los precios de carnes rojas y aves**

By JENNIFER SHIKE May 18, 2021 USDA Economic Research Service released the April meat price spread data on May 12. The data reports monthly prices along the marketing chain from the farm to retail levels for beef, pork, poultry and dairy.

Retail pork prices set an all-time high in April at \$4.32 per pound, up \$0.16 per pound or 3.8% from March, and \$0.43 per pound or 11% higher than last year. The price of bacon rose \$0.87 per pound or 16.3% over last year to \$6.22 per pound, but is still below the record highs of \$6.24 and \$6.36 per pound in August and September of 2017, respectively, noted Steiner Consulting Group of Merrimack, N.H., in the May 14 Daily



Livestock Report. Boneless pork chops rose \$0.31 per pound or 7.8% from last year to \$4.33 per pound, the highest price since September 2020.

On the beef side, retail prices for Choice beef reached \$6.76 per pound in April, up \$0.27 or 4.2% from March and \$0.31 or 4.8% above last year.

With the exception of the pandemic highs seen between May 2020 through July 2020, Steiner Consulting noted that last month's retail beef price would be the highest on record.

Lean and extra lean ground beef prices rose to \$5.97 per pound in April, which is 4.6% above last year but still below the record high of \$6.31 per pound set in June 2020. Boneless Choice steak rounds increased 3.6% or \$0.23 over last year to \$6.64 per pound. Boneless Choice sirloin steaks were 8.7% higher or \$0.74 per pound higher than a year ago, reaching \$9.34 per pound and the highest price since July 2020.

Chicken retail prices started the year at \$1.60 per pound but have fallen each month with April at \$1.52 per pound, down \$0.03 or 1.8% from last month and \$0.05 or 3.6% lower than last year. Since the start of the year, chicken prices have fallen \$0.08 per pound or 5%, hitting the lowest level since March 2020. The boneless chicken breast price was \$3.41 per pound which rose 7.9% from last year and was the highest price since November 2020. Bone-in chicken legs fell 1.2% from a year ago to \$1.58 per pound.

Steiner Consulting raised the question: With retail prices rising for both beef and pork in the month of April, will prices rise again in May?

The report showed for the week ending May 7, the Choice beef cutout value was \$303.51 per hundredweight (cwt) which is the highest value in nearly a year, suggesting retail beef prices could likely climb higher in May if the cutout remains at or above \$300 per cwt, Steiner Consulting said.

During the same week ending May 7, the pork cutout value was \$112.48 per cwt which is slightly higher than the monthly average value of \$111.17 per cwt in April and given the tight hog supplies, Steiner Consulting believes this could support higher retail pork prices in May

### **Alza en los precios de forrajes generan presión sobre el valor del ganado**

By TYNE MORGAN May 19, 2021 Planting progress is in the books for some Iowa farmers. Amanda Adam says her family finished planting Mother's Day weekend, a relief for a pork producer who needs all the feed she can get.

"Obviously, we have grain prices that are going up, too," says Adam. "So, the margins are still different than they would be if grain prices were back in the \$3 or \$4 range."

Climbing feed costs are creating a difficult situation for feed users. As the markets tries to figure out just how high feed costs will actually go, feed users are faced with the same dilemma.

"First of all your head is spinning," says Bob Utterback of Utterback Marketing. "You have to basically say, 'Okay, if I have been long, or I haven't been long at this point, what is my risk and my risk is the weather scare.'"

As grain prices are already at historically high levels, a possible weather scare could produce an even scarier outlook for those needing to buy feed.

"You have to kind of be in catastrophic mode right now," says Chip Nellinger of Blue Reef Agri-Marketing. "If we have a weather problem and a weather scare, the upside is very scary. We'll far exceed previous all-time highs and corn and beans. That's a biggie 'if,' and if we have a weather scare."

It's not just corn that is creating price pain for feed buyers, but also soybeans.

"Frankly, I'm probably more concerned about the soybeans, so I'd be worried about my meal too," adds Uttberback.

How High Will Feed Prices Go?

USDA's May World Agricultural Supply and Demand Estimates (WASDE) added fuel to the tight soybean supplies story.

"Soybeans has a very bullish story to tell," says Ben Brown, economist with the University of Missouri. "And, and certainly, I think that will continue to support prices. We've seen this being played out in the markets the last couple of weeks. It is tight, and soybeans are now fighting to retain the acres that they can't lose. And they're even fighting, and frankly losing, the battle of even maintaining the acres that they have. So they have work to do. And the market, especially end users, are going to continue to have to bid premiums to bring this product in."

AgriTalk host Chip Flory says the other big takeaway from the report is the fact \$7 corn hasn't scared away demand yet.

"USDA added 100 million bushels to the corn export estimate and took it up to 2.775 billion bushels, and that's with old crop corn futures above \$7," says Flory. "We need to keep in mind that as we look forward into the 2021/2022 marketing year, that what has happened in the old crop marketing year tells us that the market needs to work harder to slow down demand."

The Packer Capacity Problem

As certain sectors of demand show no signs of slowing, cattle feeders are faced with a double dose of bad news.



“One of the big ones right at the moment is that we simply have a very large supply of fed cattle and not enough packing capacity to process at all,” says Derrell Peel, livestock specialist with Oklahoma State University.

Peel says the lack of packing capacity is getting to a critical point.

“We’ve been aware for several years that packing capacity had gotten down to a point where it was kind of imbalanced with cattle numbers, and actually, now is a little bit shorter what we need,” Peel adds.

Even with Saturday kills, Peel says processing can’t keep up with all the market ready cattle.

“But there’s just a backlog of fed cattle right now. And that’s really weighing on these fed cattle markets,” says Peel.

The latest Sterling Profit Tracker shows packer margins hit \$929 dollars per head, an increase of more than \$260 per head in the past week.

During that same period, feedyard margins were barely in the green, at \$87 dollars per head, as feed costs aren’t doing feedyard operators any favors.

“What we’ve got right now is these feeder cattle markets are caught between this sort of stagnant fed cattle market that’s capped by capacity and these high feed prices. And so that’s really weighing on the feeder cattle complex right now,” says Peel.

**Cattle Industry Wants Change**

The current price imbalance between the packer, the feedlot and the ranch was at the heart of a closed-door meeting among cattle industry representatives this week.

Six groups met in person, including NCBA, R-CALF, U.S. Cattlemen’s Association, American Farm Bureau, National Farmers Union and Livestock marketing Association.

The groups, typically at odds, telling U.S. Farm Report they were on the same page and in agreement about possible changes and solutions, with a joint statement released Monday outlining how the groups plan to fight for a better balance in prices.

The release stated the group “talked openly and candidly about a wide range of important issues facing our industry today, including but not limited to:

- Packer concentration,
- Price transparency and discovery,
- Packer oversight,
- Packers and Stockyards Act enforcement,
- Level of captive supply, and
- Packer capacity.”

As the cattle industry searches for balance, it’s another challenge impacting cattle producers across the U.S. That’s as many producers are still trying to recover from the price pain created by the COVID-19 pandemic.

### **Productores hacen reunión cerrada para evaluar situación en el mercado ganadero**

By AGDAY TV May 19, 2021 An unprecedented meeting held early this month among major cattle industry representatives has now produced plans for change. The goal of the group is to not only discuss the current price imbalance between the packer, the feedlot and the ranch, but create change they argue is needed to address a price imbalance in the cattle markets today.

As Drovers and AgDay first reported last week, six groups, including NCBA, R-CALF, U-S Cattlemen’s Association, American Farm Bureau, National Farmers Union and Livestock Marketing Association, sent representatives to meeting in Phoenix last week.

The groups, typically at odds, working together they say with the ultimate goal of bringing about a more financially sustainable situation for cattle feeders and cow-calf producers.

A news release from the Livestock Marketing Association stated the group focused on six main issues:

- Packer concentration
- Price transparency and discovery
- Packer oversight
- Packers and Stockyard Act enforcement
- Level of captive supply
- and Packer capacity.

Brooke Miller of the United States Cattlemen’s Association told AgDay something drastic needs to be done, first focusing in on packer concentration.

“We had four major multi-national packers’ that control well over 80% to 85% of the market,” says Brooke Miller, president of U.S. Cattlemen’s Association. “It’s obvious through the market fundamentals where they’re making currently and they’re making profits of up to \$1,000 a head on these animals and feedlot operators, feeders, cattle producers, backgrounders stockers and all going out of business because it’s not profitable. We don’t have a free capitalistic market. We have a monopolized market.”



The group also agreed to talk to people in their organizations about speeding up the renewal of USDA's Livestock Mandatory reporting, and encouraged the development of local and independent packers. The six groups also agreed to demand the Department of Justice supply an update on its investigation into possible anticompetitive practices in the meatpacking industry.

While the cattle industry is on the same page, several lawmakers are also pushing to get some answers from the Department of Justice about that investigation.

Senators and Representatives sent a letter this week to Attorney General Merrick Garland.

In May of last year, the DOJ's Antitrust Division sent civil investigative demands to the nation's four biggest meatpackers. But the legislators say since that time, the American people have seen no public results from that investigation. In fact, they say there is no information to even suggest whether the investigation has ended or is still ongoing.

AgDay's Clinton Griffiths spoke with Republican Senator John Thune of South Dakota who is helping lead the charge.

"I know there are a lot of producers across South Dakota, and I met with some last week in Rapid City, who are very concerned that what's happening in the marketplace today is a result of manipulation," says Sen. John Thune (R) South Dakota. "The fact that there is a concentration of market power in the hands of a very few packers and whether or not there might be some monopoly, some antitrust issues there that need to be addressed. And I think the justice department, in fairness, needs to take a look at this issue. I mean, this has been building for a long time. It's not a new issue. And we were we asked them to do this a year ago. We still haven't seen anything, any report from them about that. And we think they need to renew this investigation and get some answers."

Senator Thune is also asking for a Congressional hearing on the matter. NCBA says it's in the best interests of both producers and consumers for the DOJ to get to the bottom of the current market dynamics. The groups says DOJ should asses why they seemingly always result in producers getting the short end of the deal.

TheCattleSite News Desk 19 May 2021

National Farmers Union (NFU) recently joined with five other organizations that represent cattle producers to agree to work jointly on issues in the cattle marketplace.

On Monday, 10 May 2021, member leaders of American Farm Bureau Federation, National Cattlemen's Beef Association, National Farmers Union, R-CALF USA, and the United States Cattlemen's Association met in Phoenix, Arizona.

These groups convened at the request of Livestock Marketing Association to discuss challenges involved in the marketing of finished cattle with the ultimate goal of bringing about a more financially sustainable situation for cattle feeders and cow-calf producers.

"Unfair markets and a lack of competition in the beef industry has been extremely harmful to producers and consumers alike, especially during the last year," said NFU President Rob Larew, who was among the participants in the meeting. "Many sectors within agriculture, including beef, are dominated by just a handful of multinational corporations. The time for action is long overdue, and NFU is glad to be a part of this effort to bring strong, swift, and meaningful reform."

The group talked openly and candidly about a wide range of important issues facing our industry today,

- Packer concentration,
- Price transparency and discovery,
- Packer oversight,
- Packers and Stockyards Act enforcement,
- Level of captive supply, and
- Packer capacity.

The group also agreed to take to their respective organizations for consideration these action items:

Expedite the renewal of USDA's Livestock Mandatory Reporting (LMR), including formula base prices subject to the same reporting requirements as negotiated cash and the creation of a contract library.

Demand the Department of Justice (DOJ) issue a public investigation status report and as warranted, conduct joint DOJ and USDA oversight of packer activity moving forward.

Encourage investment in, and development of, new independent, local, and regional packers.

This unprecedented meeting brought together diverse producer organizations to identify issues and discuss potential solutions. These issues and action item lists are not comprehensive, due to time constraints of this meeting. Attending organization representatives were pleased to have reached consensus on many issues and are committed to the ultimate goal of achieving a fair and transparent finished cattle marketing system.



### **Solicitan que se apure la resolución judicial sobre las denuncias de maniobras en el mercado ganadero**

By INDUSTRY PRESS RELEASE May 17, 2021 Senator John Thune (R-SD) and Representative Dusty Johnson (R-SD-AL) led a bicameral letter Monday to U.S. Attorney General Merrick Garland, urging the Department of Justice to move forward with their investigation into anticompetitive practices in the meatpacking industry.

"Despite strong consumer demand and reopening across much of the country, cattle producers face significant business challenges. The farmers and ranchers NCBA represents are contending with high market volatility, drought, and extreme input costs, and they can't capture the value they deserve for the high-quality product they supply," said NCBA Vice President of Government Affairs Ethan Lane.

"We have a high supply of cattle at one end of this equation and a high demand for U.S. beef at the other, but the middle is being absolutely choked by the lack of processing capacity. It's in the best interests of both producers and consumers for the Department of Justice to get to the bottom of the current market dynamics, and assess why they seemingly always result in producers getting the short end of the deal. Cattle producers deserve to know whether or not the price disparity that has plagued our market is the result of anti-competitive or other inappropriate practices in the packing sector. We thank Senator Thune and Congressman Johnson for keeping up the drumbeat on this critical issue. We hope their bicameral request for a progress report will be met at DOJ with the urgency it warrants, and we hope to see results from the Attorney General soon."

NCBA has long worked to increase processing capacity and expand opportunities for producer profitability by lowering the hurdles for small and medium size processing facilities.

### **Industriales respondieron a las acusaciones de los ruralistas**

By AGDAY TV May 21, 2021 As six major cattle and livestock groups making unprecedented calls for change, it's an issue centered around meat packing margins climbing, while some cattle producers say they are struggling to break even. And a meeting among the six groups- including Livestock Marketing Association, National Cattlemen's Beef Association, United States Cattlemen's Association, R-CALF, National Farmers Union and American Farm Bureau Federation- is now drawing a response from the meat packing industry.

The groups are pushing for the DOJ to further its investigation into possible price imbalances in the cattle markets. The North American Meat Institute, which is the largest trade association representing packers and processors, responded this week blaming the market action on a couple black swan events that hit the cattle industry in two years.

"In July 2020, USDA analyzed the effects of the 2019 Holcomb facility fire and the pandemic, finding no wrong-doing and confirming the disruption in the beef markets was due to devastating and unprecedented events," Sarah Little, vice President of Communications for the North American Meat Institute told AgDay. Meat Institute

The Meat Institute also responded to the cattle groups' call for more slaughter capacity. The Institute pointed to several announcements to build new packing facilities or expand capacity, which would increase slaughter by about 4%. The Meat Institute says labor issues the industry still faces because of COVID are also impacting capacity.

The Meat Institute Also says the income from marketing all cattle was down 4.7% and was 4.4% below the 2016-2019 average, but saying when you add in producer payments under CFAP, producers netted 5% more revenue than in 2019.

### **Legisladores prestan atención al tema**

By GREG HENDERSON May 20, 2021 The political winds in Washington are driving momentum for more oversight of cattle markets. The wide price discrepancy between live cattle prices and wholesale beef prices has given rise to unprecedented cooperation between some cattle and farm organizations, and lawmakers have taken notice.

Specifically, they see that while negotiated cash cattle prices are about \$120 per cwt. this week, Choice boxed beef cutout prices traded at \$328 per cwt. on Thursday. That's a 45% increase in wholesale beef prices since March while cattle prices are modestly 5% higher.

A handful of farm-state Senators have been championing cattle market reforms for a while, but now many of their colleagues from urban districts are taking notice, too. The attention-grabber, according to Senator Mike Rounds (R-SD), is the ever-increasing cost of food for consumers.

Rounds told AgriTalk host Chip Flory on Thursday the impact of the market discrepancies are being felt by consumers, and "the amount of money they're paying at the grocery store and where that money is going" is not readily understood. But, Rounds said, "it's not getting back to the ranch."





Rounds and other lawmakers such as Senator John Thune (R-SD) and Rep. Dusty Johnson (R-AL) are calling on Attorney General Merrick Garland to push forward with the Department of Justice investigation into anticompetitive practices in the meatpacking industry.

"Whether or not there are anti-trust activities or market manipulation taking place, we don't know," Rounds said. But, he added, "we think it is (taking place)."

Lawmakers have also introduced two legislative packages to require more transparency in pricing and terms of cattle purchases in an effort to give cattlemen more leverage in transactions. Republican Senator Deb Fischer of Nebraska, who sponsored one, told Bloomberg she is "very optimistic" some version of an enhanced disclosure bill will pass Congress this year.

To date, the Biden Administration has been relatively quiet regarding cattle market turmoil over the past several months. However, Washington has seen a backlash against Big Tech in recent months which may fuel broader concerns about corporate behemoths abusing dominant market positions.

A clue to White House thinking on the turmoil in the cattle markets may be found in comments made to Bloomberg by "a senior USDA official" who spoke on condition of anonymity for a story published Thursday.

"The Biden administration views the pricing patterns in beef processing as evidence that concentration is having damaging effects on the supply chain and rural America," Bloomberg reported citing the anonymous senior USDA official. "USDA officials are looking at ways to use their regulatory authority to reduce the imbalance in market power, the official said."

Which, wow! That statement raises many more questions. For instance, exactly what regulatory authority does USDA have, and how might they use it?

One authority that USDA currently has is Mandatory Price Reporting, which was established in 1999 and mandates price reporting for cattle, boxed beef, swine and lamb. That rule was reauthorized last year, but only for one year rather than the customary five years. Without congressional action, MRP will expire on September 30 of this year.

Cattle groups are calling on lawmakers to expedite this year's LMR reauthorization and include formula-based prices subject to the same reporting requirements as negotiated cash price and the creation of a contract library.

USDA is not oblivious to the turmoil in cattle country. The agency recently announced it will host a series of three live educational webinars about the its livestock mandatory reporting program over three consecutive days in June. The webinars will be held June 8-10.

Representatives from USDA's Agricultural Marketing Service and Colorado State University will cover live cattle and boxed beef reports and how to use these marketing tools.

This webinar series (Zoom) is open to the public. Pre-registration is required.

## VARIOS

### **AUSTRALIA: productores agropecuarios apoyan la rápida resolución del acuerdo de libre comercio con REINO UNIDO**

21 May 2021 The National Farmers Federation (NFF) says that the outcome of any free trade agreement is that both parties have improved export options - there is no reason to think that the UK-Australia FTA will be any different.

Issuing a statement on the ongoing trade negotiations between the United Kingdom and Australia, NFF President Fiona Simson said, "The NFF values the close relationship we have with our counterparts in the UK National Farmers Union."

"The NFF was warmly welcomed to the UK in 2019 by NFU President Minette Batters and despite the distance and geographical differences our farmers share many of the same issues and challenges as our UK peers."

"The NFF continues to support Trade Minister Tehan and the Australian Government in the collaborative and productive negotiations with their UK counterparts as they strive towards securing a free trade agreement that is to the overall benefit of both parties."

Ms Simson said the reality was any potential increase in Australian beef and sheep meat exports to the United Kingdom as an outcome from an enhanced trade partnership, would be dependent on UK demand.

"The volume of Australian red meat to the UK in the context of the UK's total red meat imports and Australia's total exports, is very, very small."

In 2020, the UK imported 314,000 tonnes of beef, with only 1567 tonnes coming from Australia, approximately 0.15% of all Australian beef exports.

In 2020 the UK imported 67,500 tonnes of sheep meat, about 14% of which came from Australia.

"The aim of any free trade agreement is to provide both parties options. Australian red meat producers would like to have the option to export to the UK if and when the UK needs it."



Ms Simson said Australia's red meat industry was leading the world in investing in research and adopting supply chain practices aimed at cutting carbon emissions – with a target to be carbon neutral by 2030. "Meat and Livestock Australia report on progress towards this goal using the Australian Green House Gas Inventory. The Australian GHG Inventory follows the IPCC guidelines."

### **INDONESIA suspende importaciones de INDIA por COVID**

Beef Central, 19/05/2021 The rapidly deteriorating coronavirus pandemic in India has prompted Indonesia to impose a temporary halt on imports of Indian buffalo meat, according to a news wire report.

The chief executive of Indonesia's food procurement agency Bulog informed Indonesia's parliament of the suspension on Tuesday, Reuters has reported.

"Due to the lockdown... plus the development of the COVID-19 virus in India... we temporarily stopped the (buffalo meat) import plan," chief executive Budi Waseso said, according to the news agency.

It came as India's total coronavirus cases surged past the 25 million mark on Tuesday, boosted by 263,533 new infections over the last 24 hours, while deaths from COVID-19 rose by a record 4,329.

Rumours that Indonesia was considering temporarily halting buffalo meat imports from India have been circulating for some weeks in Indonesia as the coronavirus situation on the sub-continent has worsened, according to Australian livestock export trade sources.

Despite the indication that Indonesia has now taken that step there has as of yet been no public detail from either the Indonesian Government or Bulog to provide any further indication as to the how long the suspension may last and what it may mean for meat supplies in Indonesia.

Quoting Budi Waseso, Reuters reported that Indonesia has imported 13,000 tonnes of water buffalo meat so far this year.

That compares to a total volume of permits issued by Indonesia this year for 100,000 tonnes of Brazilian beef and water buffalo meat from India for this year.

## **EMPRESARIAS**

### **JBS anuncia inversiones hasta 2025**

Fonte: Valor Econômico. A JBS informou nesta sexta-feira um pacote de investimentos de R\$ 1,85 bilhão para suas operações de Rolândia (PR). Os desembolsos, programados para ocorrer até 2025, incluem a construção de uma fábrica de alimentos empanados e salsichas e a modernização e expansão da unidade de aves que já está em operação na cidade.

As obras da nova planta já começaram e têm conclusão prevista para o quarto trimestre de 2022. Atualmente, a unidade de Rolândia emprega 3,7 mil colaboradores diretos e tem parceria com mais de 390 integrados. A expectativa da companhia é que os investimentos criem mais 2,6 mil vagas.

"A JBS está sempre atenta às demandas do mercado para ampliar a sua capacidade produtiva. Os nossos investimentos demonstram a relevância global do estado do Paraná como polo produtor de alimentos para o mundo", disse, em nota, o presidente da JBS América do Sul e da Seara, Wesley Batista Filho.

Para o secretário de Estado da Agricultura e Abastecimento, Norberto Ortigara, o investimento da companhia representa um marco para o agronegócio paranaense. "O impacto é gigantesco para os produtores de proteína animal do Paraná", afirmou, em nota

### **Marfrig planta de RGS propuesta para habilitación de Estados Unidos**

19/05/2021 La compañía reportó el mejor trimestre de la historia

Otra planta del grupo Marfrig Global Foods, la ubicada en Alegrete, Rio Grande do Sul, recibió una recomendación de las autoridades para que comience la calificación para poder exportar carne bovina a Estados Unidos.

Según comunicó la compañía y publicó Faxcarne, la unidad es la quinta de la compañía en recibir la recomendación y la segunda este año. En enero se habilitó la planta de Marfrig en Bagé, también en Rio Grande do Sul. La planta de Alegrete tiene capacidad para faenar 730 vacunos por día. Además de Bagé, las plantas de Marfrig en São Gabriel (RS), Bataguassu (MS) y Promissão (SP) pueden exportar al mercado de Estados Unidos.

Trimestre. Por otro lado, el grupo tuvo su mejor trimestre en la historia, con una ganancia neta de R\$ 279 millones (unos US\$ 53 millones) durante enero-marzo, frente un perjuicio de R\$ 137 millones en igual período del año pasado.

El Ebitda ajustado (resultado antes de intereses, impuestos, depreciación y amortización) tuvo un incremento anual de 39,7%, a R\$ 1.708 millones, frente a R\$ 1.223 millones del mismo período del año anterior. Con casi el 90% de la generación de caja en el mercado estadounidense, Marfrig también se vio favorecida por la apreciación del dólar. En el trimestre los ingresos aumentaron 27,7%, alcanzando R\$ 17,2 mil millones.



En National Beef, la filial estadounidense, crecieron 30%, superando los R\$ 12 mil millones.

Ante el momento favorable, Marfrig saldará más deudas, reduciendo la deuda bruta, dijo el vicepresidente de finanzas y relaciones con inversionistas, Tang David. El ratio de apalancamiento fue de 1,76 veces. La compañía cancelará alrededor de US\$ 280 millones de un préstamo a plazo este año; según el cronograma original, se pagarían US\$ 150 millones. A principios de año ya había reducido su deuda bruta total en US\$ 250 millones. “Vamos a ahorrar US\$ 6 millones adicionales por año en gastos financieros”, dijo el ejecutivo.

A su vez, la operación Sudamérica, que incluye a Brasil, Argentina, Uruguay y Chile, aún enfrenta desafíos. La empresa indicó que hubo ganancias de eficiencia, un aumento en los volúmenes de ventas y precios, sin embargo, esto no fue suficiente para compensar el aumento récord en el costo de la materia prima.

Así, el Ebitda ajustado del segmento disminuyó 54,6%, de R\$ 464 millones a R\$ 211 millones. El margen cayó 7,7 puntos porcentuales sobre la misma base comparativa, a 4,6%. Los ingresos netos en América del Sur, en cambio, crecieron 21,4% de enero a marzo de este año, a R\$ 4.573 millones. Esto fue posible debido al aumento del 5,7% en el volumen de ventas, la suba del 17,6% en los precios de exportación, el aumento del 39,2% en el precio promedio en el mercado interno y por la mejora en el desempeño de los productos industrializados de la empresa.

### **Minerva: operaciones en el resto de la región amortiguan el cierre de las exportaciones argentinas**

Fonte: Valor Econômico.

A Minerva Foods informou nesta terça-feira que vai utilizar suas operações no Uruguai, Paraguai, Brasil e Colômbia para “atenuar” a decisão do governo argentino de suspender as exportações de carne por 30 dias. Em comunicado divulgado no início da noite, a empresa afirmou ainda que aguarda mais detalhes sobre a decisão da Argentina.

“A Minerva Foods, por meio de sua plataforma operacional diversificada em toda a América do Sul, reforça o seu compromisso com o abastecimento do mercado global e a sua vocação na exportação de carne bovina”, diz o comunicado da empresa à Comissão de Valores Mobiliários (CVM).

Nesta terça, os papéis da companhia recuaram 3,56% na B3, a R\$ 9,49, no primeiro dia de negociações após o anúncio do governo argentino, ocorrido na noite de ontem. Segundo a companhia, a operação na Argentina representa 10% de sua receita consolidada. A empresa atua no mercado argentino por meio da subsidiária Athena Foods, dona da marca Swift no país.

### **Athena Foods lanza embalajes con código QR con información sobre el origen del ganado**

19/05/2021EMPRESAS Con el objetivo de aportar aún más transparencia a su relación con los consumidores y pensando cada vez más en lo digital, Athena Foods, principal exportadora de carne vacuna de Sudamérica y una de las mayores empresas de producción y venta de carne fresca de vacuno y sus subproductos en la región, inserta ahora un código QR en los envases de Estancia 92 con información sobre el origen del ganado. Cada código aporta información diferente según el corte, la línea y el origen. Así, al escanear la imagen con cualquier dispositivo móvil (smartphone o tablet), los consumidores accederán a una página llena de información sobre la región de origen del animal, los cuidados en el campo y los detalles de los respectivos cortes. El portal también incluye información sobre los resultados de auditorías independientes y de autoridades regionales, además de certificaciones que acreditan el compromiso sostenible de la empresa, así como información relacionada con el bienestar animal. Por último, el público puede evaluar la plataforma y los contenidos. “El uso de la tecnología permite que el consumidor final tenga acceso a información detallada sobre todo el proceso de producción y la trazabilidad de los animales. El código QR es un mecanismo ya habitual en la vida cotidiana, por lo que vemos la oportunidad de ofrecer una nueva experiencia a nuestros consumidores, que se extienda al momento posterior a la compra, de forma sencilla y práctica”, afirma Taciano Custodio, director de sostenibilidad de Minerva Foods. La novedad está en los estantes de Estancia 92, la nueva línea de la compañía que tiene como base el cuidado de los animales y el compromiso con los consumidores. El punto clave de la línea garantiza un sabor inigualable, ya que se trata de cortes seleccionados, de novillos (ganado joven), y transforman cualquier comida en una experiencia nueva y única.